

MAPEAMENTO E INVENTÁRIO DOS TERREIROS DE RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS LOCALIZADOS NA CIDADE DE LARANJEIRAS/SE



PRODUTO 4 - RELATÓRIO FINAL

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN SE

TEMPORIS CONSULTORIA LTDA

JULHO 2016

EXPEDIENTE

GOVERNO FEDERAL

Presidenta da República
Ministro da Cultura

Dilma Rousseff
João Luiz Silva Ferreira (Juca Ferreira)

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Presidenta
Chefe de Gabinete da Presidência de Iphan em
Brasília
Procurador-Chefe da Procuradoria Federal
Diretor do Depto. do Patrimônio Material e
Fiscalização
Diretor do Depto. do Patrimônio Imaterial
Diretor do Depto. de Articulação e Fomento

Jurema de Souza Machado
Rony Oliveira
Ronaldo Guimarães Gallo
Andreu Rosenthal Schlee
Vanderlei dos Santos Catalão
Luiz Phillippe Peres Torelly

SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN NO SERGIPE

Superintendente
Técnica Responsável pelo Projeto

Kleber Rocha Queiroz
Eric Ferreira Souza

TEMPORIS CONSULTORIA LTDA



Coordenadora do Contrato
Coordenador e Orientador da Pesquisa
Pesquisador

Ana Carolina Pereira Vaz
Raul Amaro de Oliveira Lanari
Hugo Mateus Gonçalves Rocha

Foto da capa: Cortejo para a lavagem das escadarias da Igreja do Bonfim. 13/05/2014. Acervo Prefeitura Municipal de Laranjeiras/SE.

Superintendência do Iphan em Sergipe
Praça Camerino, nº 225 - Bairro São José
CEP: 49015-060 - Aracaju/SE
Tel.: (79) 3211.9363, 3211.9123, 3211.9234 e 3211.9321
Fax: (79) 3211.9363
E-mail: iphan-se@iphan.gov.br

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Iphan
SEPS Quadra 713/913 Sul, Bloco D, Edifício Iphan 5º andar – Asa Sul
Brasília/DF CEP: 70.390-135
Tels.: (61) 2024-5500 / 2024-5502
Email geral: gabinete@iphan.gov.br

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	04
2. TERREIROS HISTÓRICOS” E “TERREIROS RECENTES” NO CONTEXTO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS DE LARANJEIRAS/SE	06
3. “TERREIROS DE FUNDAMENTO” E “TERREIROS DE TRABALHO” NO CONTEXTO RELIGIOSO AFRO-BRASILEIRA EM LARANJEIRAS/SE	21
3.1. A prática religiosa nos “Terreiros de fundamento”	23
3.2. A prática religiosa nos “Terreiros de Trabalho”	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
5. LISTAGEM DOS TERREIROS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS DE LARANJEIRAS/SE	34
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
7. EQUIPE TÉCNICA	40
ANEXO 01 – AUTORIZAÇÕES DE USO E IMAGEM	
ANEXO 02 – FICHA SÍTIO – F10	
ANEXO 03 – FICHAS AUDIO VISUAIS – ANEXO 02	
ANEXO 04 – FICHAS BENS CULTURAIS INVENTARIADOS – ANEXO 03	
ANEXO 02 - MAPA DOS TERREIROS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS DE LARANJEIRAS/SE	

1. APRESENTAÇÃO

O presente relatório de pesquisa é integra o último produto do projeto "Mapeamento e Inventário dos Terreiros de Religiões Afro-brasileiras localizados na cidade de Laranjeiras/SE", executado pela Temporis Consultoria Ltda, sob supervisão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, Superintendência do Sergipe. Ele condensa as informações obtidas nas duas etapas das atividades de campo e as relaciona com a bibliografia consultada durante todo o processo de trabalho na elaboração das fichas do INRC e SICG, que integraram etapas anteriores.

O relatório final de pesquisa, segundo consta no Projeto Básico de atividades, tem como objetivo a elaboração de análises que dialoguem com a produção acadêmica sobre o tema pesquisado e, ao mesmo tempo, o fornecimento de informações relevantes para as etapas posteriores das atividades do IPHAN junto os terreiros de religiões afro-brasileiras de Laranjeiras/SE. Assim, decidiu-se realizar dois recortes que, em nossa opinião, podem ajudar a compreender a relação que os terreiros de Laranjeiras mantêm entre si e com a comunidade local. Procuraremos apresentar os terreiros a partir de sua inserção na vida da cidade, dividindo-os entre "terreiros históricos" e "terreiros recentes" e mostrando como, entre parte dos integrantes das "comunidades de terreiro", observou-se a percepção de uma maior valorização daqueles grupos religiosos que passaram a desfrutar de reconhecimento dos poderes públicos por meio da patrimonialização ou da inserção no rol de manifestações culturais locais. Em seguida, a partir de outro recorte, analisaremos os terreiros visitados a partir da distinção entre aqueles caracterizados como "de fundamento" e "de trabalho". Os primeiros, cujas regras para associação são mais rígidas, estruturam suas atividades a partir de um conjunto de práticas e condutas que remetem a tradições transmitidas entre gerações. Já os segundos, por vezes formados por Pais e Mães de Santo que não passaram pelos ritos de iniciação - conhecidos como a "raspagem" -, estruturam suas atividades a partir das obrigações aos orixás e exús, mas também a partir da demanda por "trabalhos" vindas de pessoas de fora das "comunidades de santo". A partir dessa distinção é possível perceber uma importante clivagem observada durante os trabalhos de pesquisa de campo: a relação tensa entre os sacerdotes "raspados" e os não iniciados, denominados "abians".

Acreditamos que, a partir desses dois recortes, seja possível identificar um panorama bastante complexo formado por terreiros de diferentes características e origens, que passaram a interagir entre si a partir da segunda metade do século XX e a disputar espaços dentro do "mercado religioso" de Laranjeiras. Além disso, a relação entre estes terreiros passou a configurar um importante núcleo de reivindicações de parte expressiva da comunidade negra de Laranjeiras, apresentando demandas por visibilidade, infraestrutura e ações afirmativas frente ao racismo e à intolerância religiosa. Assim, na reunião de mobilização, um dos pontos abordados foi a forma como a patrimonialização das práticas religiosas afro-brasileiras de Laranjeiras poderiam auxiliar no combate ao preconceito que ainda é vivenciado pelos integrantes dos terreiros locais.

Por fim, apresentaremos o Mapa dos Terreiros de Laranjeiras, importante produto integrante desta última entrega contratual, algumas palavras a título de conclusão, a bibliografia e a ficha técnica deste relatório final do projeto "Mapeamento dos Terreiros das Religiões Afro-Brasileiras de Laranjeiras/SE".

2. TERREIROS HISTÓRICOS” E “TERREIROS RECENTES” NO CONTEXTO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS DE LARANJEIRAS/SE

Dentre as possibilidades de interpretação abertas pela pesquisa do projeto “Mapeamento e inventário dos terreiros de religiões afro-brasileiras localizados no município de Laranjeiras/SE”, chamou a atenção, de forma especial, o fato de existirem no município, terreiros de umbanda e candomblé fundados em diferentes épocas, ao longo dos últimos dois séculos. Nas atividades que compõem a pesquisa, foram visitados um total de 26 terreiros, que se diferem entre terreiros mais antigos, fundados entre o final do século XIX e décadas iniciais do século XX, passando por terreiros fundados nas décadas de 1960, 1970 e 1980 até aqueles fundados mais recentemente, já nas primeiras décadas do século XX.

Esta variação temporal entre o ano fundação dos terreiros ligados à tradição religiosa afro-brasileira em Laranjeiras denota a grande riqueza da história religiosa afro-brasileira no município. Por meio da imersão no contexto histórico e cultural da religiosidade de matriz africana no município, foi possível acessar uma multiplicidade de temas e aspectos ligados à tradição religiosa de Laranjeiras, em especial, às diferentes conformações e linhagens religiosas de matriz africana que convivem no município na atualidade.

Diante da representatividade do cenário religioso de matriz africana na tradicional cidade do Estado de Sergipe, não foi tarefa difícil encontrar uma série de trabalhos acadêmicos, embasados em estudos históricos e sócio antropológicos nos quais o tema da religiosidade afro-brasileiras em Laranjeiras é contemplado, sendo refletido sob diferentes perspectivas e a partir de diferentes eixos teóricos e metodológicos, que dialogam com os campos da antropologia social, da sociologia e da historiografia brasileira.

Partindo das questões acima expostas, o objetivo do presente texto é o de apresentar uma breve síntese da história do processo de fundação dos terreiros e da formação religiosa afro-brasileira em Laranjeiras, tendo como base o conhecimento produzido nas últimas quatro décadas sobre o tema. Após esta breve contextualização sobre o processo histórico-religioso afro-brasileiro em Laranjeiras, serão empreendidas algumas reflexões sobre questões associadas à relação entre os “Terreiros Históricos”, - fundados entre o final do século XIX e os anos iniciais do século XX- com os denominados “Terreiros Recentes”, que podem ser compreendidos como reflexo do processo de expansão da cultura religiosa de matriz africana do município na segunda metade do século XX.

É objetivo também no presente texto, propor uma reflexão sobre algumas questões aliadas

à realidade dos terreiros de religião afro-brasileira sediados no município de Laranjeiras, como a visibilidade destes terreiros, a considerar aspectos ligados à tradição representada pelas casas mais antigas –“Terreiros Históricos”- em relação aos terreiros fundados mais recentemente -“Terreiros Recentes”; outra questão que se faz importante de ser refletida está associada ao processo de patrimonialização dos terreiros de religião afro-brasileira, a considerar a importância dos espaços como referências culturais brasileiras ao mesmo tempo em que se constituem como espaços de prática religiosa (PASSOS, 2015); ou mesmo a relação da sociedade local com estes espaços de profecia religiosa, levando em consideração os embates do passado e do presente, tendo em conta o aspecto histórico das religiões de origem africana no Brasil marcado pela intolerância religiosa. (PRANDI, 2004)

Ao tratar sobre a gênese do processo de formação da cultura religiosa de matriz africana no município de Laranjeiras, chama a atenção, de maneira especial, as referências levantadas que indicam os primeiros passos das práticas religiosas de matriz afro-brasileira na cidade de Laranjeiras entre as décadas finais do século XIX e a primeira década do século XX. A pesquisa que pode ser considerada como a de maior relevo sobre o tema leva o título “Vovô Nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil”. (DANTAS, 1982) Neste trabalho defendido, como Dissertação de Mestrado em Antropologia Social por Beatriz Góis Dantas no ano de 1982, se faz possível acessar uma densa reflexão sobre o processo histórico e social de constituição da tradição Nagô no município de Laranjeiras, essencialmente no que toca ao sentimento de singularidade dos Nagôs em relação à tradição religiosa afro-brasileira de um modo geral. Para além das muitas questões tratadas por Dantas no trabalho, ao presente texto, interessa especificamente o tratamento dado pela autora ao processo histórico de fundação dos terreiros que integram a Tradição Nagô no município.

Segundo tratado por Beatriz Dantas no referido trabalho como também tratado pela historiadora Sharyse Piroupo do Amaral, em um artigo no qual a autora trata o processo de conformação da tradição Nagô entre o final século XIX e a primeira década do século XX, a primeira sede do Terreiro de Santa Bárbara Virgem teria sido fundada pelo escravo alforriado Ti Henrique, em uma casa localizada na Rua do Calangaleixo, na sede municipal de Laranjeiras. Local este, indicado por Sharyse Piroupo do Amaral como um reduto histórico dos ex-escravizados de Laranjeiras. A fundação desta casa, que seria o primeiro reduto da religiosidade afro-brasileira no município, teria ocorrido entre as duas décadas finais do século XIX. (AMARAL, 2011)

Após a morte de Ti Henrique, que, segundo Amaral, ocorreu provavelmente ainda no XIX, a

responsabilidade sobre o Terreiro passou então a Ti Herculano, que passou a ocupar o cargo de “Beg” do terreiro, termo pelo qual é conhecido o líder religioso na tradição Nagô. Durante o período em que Ti Herculano esteve à frente da casa, ocorreu a transferência da sede dos Nagôs para um sítio, localizado no povoado da Comandaroba. No local, atualmente ainda encontra sediada a “Casa Ti Herculano”, um dos cinco terreiros associados à Irmandade Nagô de Santa Bárbara Virgem. Ao longo do século XX, ocorreriam duas novas mudanças na liderança da linhagem Nagô, tendo ela sido assumida por Bárbara Cristina dos Santos já no início do século XXI. (AMARAL, 2011)



Imagem 01: Sede da Irmandade Nagô de Santa Bárbara Virgem, no Centro de Laranjeiras/SE.
Foto: Raul Lanari. Data: Janeiro/2016.

Como indicado no artigo intitulado “Religiosidades africanas e comunidades negras em Laranjeiras (Sergipe, 1860-1910)”, (AMARAL, 2011), com a morte de Ti Herculano, ocorrida no ano de 1907, Umbelina Araújo passou a ser a responsável pelas atividades religiosas do terreiro, ocupando o cargo de Alôxa¹ até o ano de 1974, quando ocorreu o falecimento de Mãe Bilina. Deste período em diante, a obrigação de Alôxa recai sobre Maria de Lourdes Santos, que por sua vez, falece no início dos anos 2000, sendo substituída por sua filha de criação, Barbara Cristina dos Santos, atual Alôxa do Terreiro de Santa Bárbara Virgem em Laranjeiras. Como indicado no trabalho de Beatriz Gois Dantas, a tradição Nagô de Laranjeiras se caracteriza pela relação familiar

¹ Ao termo “Alôxa”, atribui-se a condição de liderança religiosa no âmbito da tradição Nagô de Laranjeiras. No entanto, faz-se necessário indicar a ocorrência de variação do termo, que por vezes, como nos trabalhos de Beatriz Gois Dantas (DANTAS, 1982) e Sharyse Piroupo do Amaral (AMARAL, 2011), aparece com a denominação “Alôxa”. No entanto, na tradição oral sobre as religião Nagô, a exemplo da entrevista com Bárbara Cristina dos Santos, (SANTOS, 2016(a)) atual Alôxa do terreiro, a denominação da liderança feminina Nagô aparece como “Lôxa”. Ainda sobre o termo, Beatriz Gois Dantas indica que “Alôxa” trata-se de uma abreviação de *Yalorixá*, que designa o título de mãe de Santo na tradição Nagô de Laranjeiras. (DANTAS, 1982)

que embasa o processo de sucessão do cargo de liderança da tradição religiosa. (DANTAS, 1982)



Imagem 02: Umbelina Araújo, Alôxa da Irmandade Nagô de Santa Bárbara Virgem durante grande parte do século XX.

Foto: Raul Lanari. Data: Janeiro/2016.



Imagem 02: Umbelina de Araújo, Alôxa da Irmandade Nagô de Santa Bárbara Virgem durante grande parte do século XX.

Foto: Raul Lanari. Data: Janeiro/2016.

Outra importante matriz histórica das religiões afro-brasileiras sediada na cidade de Laranjeiras é o tradicional “Associação de Cultos Afro-brasileiros Filhos de Obá”. Segundo indicado pelo sociólogo Edmilson Celestino de Barros, o terreiro foi fundado em Laranjeiras no ano de 1906, tendo sido registrado como Associação no ano de 1909. A fundação da casa teria ocorrido por meio da ação de cinco ex-escravizadas, que detinham grande conhecimento das tradições religiosas de matriz africana. A primeira líder do “Filhos de Obá” foi Tá Joaquina, que recebeu o título de Yalorixá por deter maior conhecimento sobre as práticas religiosas desenvolvidas na casa. (BARROS, 2010)

Após a morte de Ta Joaquina, Ti Alexandre assume a condição de líder religioso do Terreiro. Segundo a entrevista realizada com Ginalva Rocha dos Santos, atual responsável pela casa, a iniciação de Ti Alexandre na religião teria ocorrido entre os anos de 1903 e 1909. A Mãe de Santo indicou ainda que a tradição oral da conta de que Ti Alexandre teria sido a primeira pessoa “raspada” no Candomblé praticado no Estado de Sergipe.



Imagem 04: Sede da Associação de Culto Afro-Brasileiro Filhos de Obá, no centro de Laranjeiras/SE.

Foto: Hugo Rocha. Data: Janeiro/2016.



Imagem 05: Sede da Associação de Culto Afro-Brasileiro Filhos de Obá, no centro de Laranjeiras/SE.

Foto: Hugo Rocha. Data: Janeiro/2016.

Com a morte de Ti Alexandre, ocorrida no ano de 1975, as atividades religiosas desenvolvidas na casa passaram a ser ministradas por Cecilinha, que filha de santo da casa e sobrinha de Ti Alexandre. Cecilinha ficou a frente do terreiro por cerca de cinco anos, entre os anos de 1975 e 1980, quando veio a falecer. Deste ano em diante, a casa passou por um período de cerca de treze anos de inatividade, tendo sido reativada em meados no ano de 1993, quando Ginalva dos Santos, uma das filhas de santo de Ti Alexandre, voltou a viver na cidade de Laranjeiras após um período em que morou na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, a real reabertura do terreiro Filhos de Obá ocorreu apenas no ano de 1999, como indicado por Mãe Ginalva dos Santos. Desde então, ela ocupa o posto de Yalorixá do Filhos de Obá. Atualmente o terreiro Filhos de Obá é o único a ter passado por processo de tombamento em nível estadual, o que possibilitou o ganho de visibilidade da entidade religiosa, sendo hoje uma importante referência das religiões afro-brasileiras na cidade de Laranjeiras. (ROCHA DOS SANTOS, 2016)

Para além dos dois exemplos acima indicados, há também um terceiro terreiro tradicional sediado no município de Laranjeiras. Trata-se do “Terreiro São Luiz Rei de França”, fundado por Alonso dos Santos há cerca de cem anos, como indicado por José Romildo dos Santos, que é filho de criação de Alonso e atual zelador da casa. O terreiro fica situado no povoado de Bom Jesus, a 8 km da sede de Laranjeiras. Diferentemente dos terreiros da tradição Nagô e do terreiro Filhos de Obá, o Terreiro São Luiz Rei de França, ao longo do século XX, teve a sua sede mudada para os

municípios de Maruim e Riachuelo. No entanto, há cerca de trinta anos, foi novamente nas dependências do município de Laranjeiras. (BISPO DOS SANTOS, 2016)



Imagem 06: Sede do Terreiro São Luiz Rei de França,
na localidade do Bom Jesus, em Laranjeiras/SE.
Foto: Raul Lanari. Data: Janeiro/2016.

Com a morte de Alonso, o terreiro ficou sob a responsabilidade de dois dos seus filhos de Santo. São eles Benedito Josafá Lobão e José Romildo dos Santos. O segundo, além de filho de santo, era filho adotivo de Alonso. Benedito Lobão vive na cidade de Aracajú e visita o terreiro nas festas ali realizadas e nas ocasiões em que José Romildo Bispo dos Santos o aciona. Desta forma, José Romildo se encontra na condição de zelador do terreiro uma vez a sua casa se encontra localizada ao lado do referido espaço religioso. Após a morte do fundador, a casa passou a funcionar apenas na realização das festas e celebrações mais importantes. Nestas ocasiões e nas demais obrigações ao longo do ano, Josafá é quem toma a frente das celebrações. Josafá também é o responsável pelo recebimento das oferendas dirigidas ao terreiro. (BISPO DOS SANTOS, 2016)

Para além destes terreiros, que conta cada um com cerca de cem anos desde a fundação, existem, no município de Laranjeiras, outros 19 terreiros fundados ao longo dos séculos XX e XXI. Muitas destes, apesar de estarem estabelecidos atualmente no município, tiveram origem em outras cidades do estado de Sergipe, e, algumas delas, até mesmo em outros estados, como é o caso do “Centro de Cultos Afro Enton Benci”, fundado inicialmente por Pai José Humberto na cidade baiana de Mata de São João, passando por um período sediado na cidade de Camaçari e,

por fim, vindo a ser estabelecido na cidade de Laranjeiras no início da década de 1990. (JESUS DE OLIVEIRA, 2016)



Imagem 07: Centro de Cultos Afro Entom Bencí,
liderado por Pai José Humberto.

Foto: Raul Lanari. Data: Abril/2016.

Há também uma grande influência do cenário religioso afro-brasileiro de outras localidades na formação dos pais e mães de santo que fundaram seus terreiros nas últimas décadas na cidade de Laranjeiras. É notável neste sentido, a grande relação existente entre os líderes religiosos de Laranjeiras com pais e mães de santo naturais de cidades importantes da região nordeste, como Aracaju, capital do estado de Sergipe e também da cidade de Salvador, que, pela grande influência no âmbito religioso afro-brasileiro, proporcionou a aproximação de alguns dos líderes religiosos de Laranjeiras às práticas religiosas afro-brasileiras, como são os casos de Mãe Josefina, do já citado Pai José Humberto e também Mãe Vanda, que apresentam em comum nas suas trajetórias religiosas a aproximação às religiões afro-brasileiras no estado da Bahia. (JESUS DE OLIVEIRA, 2016; EDIVANA SANTOS, 2016; DOS SANTOS, 2016)

Por fim, no âmbito da pesquisa, foram visitados também alguns terreiros fundados a bem pouco tempo, a exemplo do Abassá de Oxum, fundado por Mãe Marlene no início da década de 1990, o “Ilê Axé Iguí Orixá”, fundado por Pai Tassiano no ano de 2007, e o Ilê Axé Oiá Matamba, fundado por Mãe Hilma no ano de 2013. (SENA, 2016; BONFIM DOS SANTOS, 2016; SANTOS, 2016)



Imagem 08: Abassá de Oxúm, na localidade do Quintalé, em Laranjeiras/SE.

Foto: Raul Lanari. Data: Janeiro/2016.



Imagem 09: Ilê Axé Iguí Orixá e seu líder religioso, Pai Tassiano Bonfim, residente na localidade do Conjunto, em Laranjeiras/SE.

Foto: Raul Lanari. Data: Janeiro/2016.

No tocante à relação entre estes terreiros, algumas questões chamaram a atenção de forma especial na pesquisa, dentre elas, o caráter de desunião entre os terreiros de religião afro-brasileiras em Laranjeiras. Aspecto este que, inclusive, foi indicado em muitas das entrevistas realizadas com os pais e mães de santo responsáveis pelos terreiros visitados em Laranjeiras. A este respeito, o sociólogo Reginaldo Prandi, indica que um dos fatores responsáveis por este processo de individualização e desenvolvimento de rivalidades entre terreiros em uma região, em muito está associado à inexistência de organizações que sirvam como fator de agregação entre as casas religiosas. A análise de Prandi abarca de uma forma geral a situação de desagregação entre lideranças religiosas do candomblé e da umbanda no Brasil, o que, em certo sentido, se aplica à realidade de fragmentação percebida no contexto religioso afro-brasileiro do município de Laranjeiras. (PRANDI, 2004)

Ao tratar sobre esta necessidade de formas de agregação entre os polos de prática religiosa que se revela no país, Reginaldo Prandi também chama à atenção a outra questão importante, que pode ser interpretada a partir da análise das relações entre terreiros de religião afro-brasileira em Laranjeiras. Trata-se da diferença entre a desorganização, que segundo o autor, colabora com cenário de desintegração da comunidade afro-brasileira, frente à forma de organização a partir da

qual se encontram estabelecidas as denominações religiosas neopentecostais no Brasil, que, inclusive, representam hoje a principal ameaça a prática religiosa de matriz africana no Brasil.

Prandi também indica no trecho a existência de formas de mobilização partidas de alguns segmentos religiosos neopentecostais no sentido de reprimir polos de prática religiosa afro-brasileira. No trecho a seguir, é possível acessar de forma direta a formulação de Prandi sobre a questão:

“Candomblé e umbanda são religiões de pequenos grupos que se congregam em torno de uma mãe ou pai-de-santo, denominando-se terreiro também cada um desses grupos. Embora se cultivem relações protocolares de parentesco iniciático entre terreiros, cada um deles é autônomo e auto-suficiente, e não há organização institucional eficaz alguma que os unifique ou que permita uma ordenação mínima capaz de estabelecer planos e estratégias comuns na relação da religião afro-brasileira com as outras religiões e o resto da sociedade. As federações de umbanda e candomblé, que supostamente uniriam os terreiros, não funcionam, pois não há autoridade acima do pai ou da mãe-de-santo (Concone e Negrão, 1987). Além disso, os terreiros competem fortemente entre si e os laços de solidariedade entre os diferentes grupos são frágeis e circunstanciais. Não há organização empresarial e não se dispõe de canais eletrônicos de comunicação. Sobretudo, nem o candomblé em suas diferentes denominações nem a umbanda têm quem fale por eles, muito menos quem os defenda. Muito diferente das modernas organizações empresariais das igrejas evangélicas, que usam de técnicas modernas de marketing, que treinam seus pastores-executivos para a expansão e a prosperidade material das igrejas, que contam com canais próprios e alugados de televisão e rádio, e com representação aguerrida nos legislativos municipais, estaduais e federal. Mais que isso, a derrota das religiões afro-brasileiras é item explícito do planejamento expansionista pentecostal: há igrejas evangélicas em que o ataque às religiões afro-brasileiras e a conquista de seus seguidores são práticas exercidas com regularidade e justificadas teologicamente. Por exemplo, na prática expansiva de uma das mais dinâmicas igrejas neopentecostais, fazer fechar o maior número de terreiros de umbanda e candomblé existentes na área em que se instala um novo templo é meta que o pastor tem que cumprir. Grande parte da fraqueza das religiões afro-brasileiras advém de sua própria constituição como reunião não organizada e dispersa de grupos pequenos e quase domésticos, que são os terreiros.” (PRANDI, 2004. p. 229 – 30)

Apesar de longo, o trecho em destaque acima se faz importante de ser aqui indicado por apresentar importante problematização acerca das raízes da desestruturação encontrada no cenário religioso afro-brasileiro contemporâneo, além de apresentar o caráter conflitivo adotado por alguns segmentos neopentecostais brasileiros em relação a prática das religiões de origem africana. Por meios das entrevistas realizadas com os líderes religiosos de Laranjeiras, foi possível ter contato com este caráter conflitivo entre os pais e mães de santo. Uma das questões chamou a atenção, foi o fato de haver concepções distintas quanto à submissão a prática de formação religiosa tradicional do Candomblé, conhecida como “raspagem”. A esse respeito, foi interessante observar diferentes concepções sobre a importância para alguns e a negação para outros, de participar desta fase da formação religiosa de novos pais e mães de santo.

Aos líderes religiosos que não passaram pelo processo de “raspagem”, é designado o nome de “Abiã”. Deste modo, alguns dos pais e mães de santo “Abians”, são taxativos ao dizer que, em sua concepção, não se faz necessário se submeter a este rito de passagem para a formação de novos líderes religiosos. Na opinião daqueles que se dizem “raspados”, o pai ou mãe de santo Abian seria um líder religioso ilegítimo, sem qualquer autoridade para desenvolver as atividades religiosas caras ao candomblé. Tal visão foi apresentada por diversos entrevistados, dentre eles Pai Marcelino, liderança religiosa da localidade da Mussuca. Segundo sua opinião, o ingresso de pessoas não iniciadas nos ritos religiosos do Candomblé e da Umbanda estariam levando a uma banalização dos preceitos sagrados, o que seria motivo de castigos dos Orixás. Ele afirmou que casos de falecimentos ocorridos na Mussuca em anos passados teriam relação a essa aproximação não autorizada das práticas e objetos sagrados, o que poderia voltar a acontecer, dado que pessoas não autorizadas estariam formando terreiros na localidade.

Os Abians, por sua vez, manifestam profundo incômodo com o desmerecimento por parte dos Pais e Mães de Santo raspados. Pai Francisco de Oxaguiã, residente na localidade do Conjunto, foi um dos que manifestaram essa contrariedade com o preconceito velado que afirma existir em Laranjeiras. Segundo seu relato, seu ingresso no Candomblé se deu depois de muito sofrimento para aceitar a mediunidade, manifestada quando ele ainda era uma criança. Seu comportamento, marcado por fugas para as matas e constantes doenças, levaram seus pais a desconfiarem que ele possuía algum mal congênito, o que o levou a diversos médicos, sem que se chegasse a solução alguma. Somente quando ele foi encaminhado para um religioso sua sorte começou a mudar. Uma vez ligado ao Candomblé, Francisco passou a mostrar significativas melhoras e, por isso, dedicou sua vida à religião, o que não se deu sem problemas. Ainda jovem, muitas eram as tentações que o desviavam das obrigações religiosas, o que o fez acabar não concluindo o processo de raspagem para se tornar um “Iaô”. Assim, ele fundou seu terreiro a partir de mensagens de seus Orixás, sem ter passado pelos ritos de iniciação. A despeito dessa característica de sua formação como sacerdote, ele afirma que as atividades de seu terreiro são similares às de terreiros comandados por Pais e Mães de Santos raspados. Para ele, a visão que desmerece os Abians é extremamente mesquinha, uma vez que não atenta para a importância destes na formação de diversos terreiros nas últimas décadas. Já Maria Leide dos Santos Lira, zeladora do Centro Umbandista Ogum Guerreiro, na localidade da Pedra Branca, ratifica a percepção de Pai Francisco de Oxaguiã a respeito da relação tênue entre os sacerdotes “raspados” e os Abians. Em sua opinião, os Pais e Mães de Santo que passaram pelo ritual de raspagem se consideram privilegiados frente aos

demais e isso, quando inserido dentro de um panorama de incorporação das comunidades de terreiro nas políticas públicas de assistência social, acaba por configurar um campo de forças entre os religiosos, contribuindo para desuni-los. Essa desunião também se manifesta na prática de visitas a outros terreiros e as retribuições em cortesia por parte de Pais e Mães de Santo. Segundo Maria Leide, muitos Abians se sentem constrangidos de comparecerem aos terreiros comandados por sacerdotes "raspados" por receio de serem diminuídos ou vistos com desconfiança. Ao mesmo tempo, são poucos os sacerdotes iniciados que comparecem às obrigações em terreiros comandados por Abians. Esse receio por parte dos Abians pôde ser percebido na Reunião de Mobilização promovida pela equipe técnica junto às comunidades de terreiros locais, realizada no dia 08 de abril de 2016 no auditório do Campus Laranjeiras da Universidade Federal de Sergipe. Na ocasião, poucos sacerdotes Abians compareceram. Um deles, José Alberto Vieira, em conversa com um dos técnicos da equipe, salientou essa ausência dos Abians, partilhando a opinião de que isso seria um indício da barreira velada existente entre esses dois grupos de sacerdotes locais. Na reunião de mobilização, ainda que este assunto não tenha sido abordado de forma direta, ficou clara a necessidade de promover a maior integração entre os sacerdotes que passaram pelos ritos de iniciação e aqueles que tiveram a revelação de sua mediunidade ao longo da vida, em eventos marcantes de suas trajetórias.

A necessidade de maior união entre os sacerdotes fica ainda mais pungente quando se atenta para o fato de que o preconceito ainda ronda a prática religiosa dessas comunidades. Os relatos sobre atos manifestos de preconceito racial e religioso enfrentados pela comunidade religiosa afro-brasileira de Laranjeiras são constantes entre Pais e Mães de santo responsáveis pelos terreiros visitados, como o caso apontado por José Romildo dos Santos, responsável pelo terreiro “São Luiz rei de França”, na localidade do Bom Jesus, uma das mais antigas do município de Laranjeiras. Em sua entrevista ele analisou como sua atividade religiosa tem interferido em seu trabalho, afastando alguns clientes:

“Olha, na realidade, procê ver, eu trabalho com gás e água mineral. Tem casa que eu vou levar que a pessoa manda eu voltar pra traz. Tem casa que eu vou levar, a pessoa que é crente, três casas aconteceu isso comigo já. Isso nunca... Aí quando foi... Tem uns dois meses, tem três casas que já aconteceu isso já. De eu levar o gás. Eu trabalho com água mineral e gás, deu levar o bujão, e a mulher mandar eu voltar na porta e não deixou eu entrar dentro de casa. Aí a filha disse: “- Por que mãe?”, a filha perguntou. “-Por quê não pode entrar? Ele não entrava?” Aí ela disse assim: “-Ele entrava quando eu era católica.”. Aí ela disse: “Por que assim?” Aí disse... Toda vez que eu chego na casa dela, ela fala bem assim, ela diz assim... Como é nome que ela diz? “-Em nome de Jeová, em nome de Jesus...” (risos) Aí sabe o que ela diz a mim? Diz assim a mim: “-O que te vim de ruim, o que tiver de ruim, bote pra traz!” (risos) O botijão eu botava... (risos) Aí sabe o que eu

faço? Aí não entreguei mais... Quando foi semana passada, ligou pra mim. Disse “-Não tem gás, não. Acabou.” Mas estava tudo cheio aí. (risos) Já outra, fui levar na casa da mulher, aí quando eu entrei, o marido dela, ela é crente e o marido não é. Aí quando eu entrei, que ela me viu aí ela disse: “-Pare! Tá reprimido (sic)” Disse assim... Me deixou na porta da sala. “-Pare! Tá reprimido. Tá reprimido em nome de Jesus! Coloque o bujão aí mesmo.” (sic) (risos) Eu fiquei todo sem graça...” (BISPO DOS SANTOS, 2016. 24’13” – 25’54’)

Como pode ser lido no trecho transcrito da entrevista, apesar da irreverência como Romildo trata o problema do preconceito social por ele sofrido unicamente pelo fato de professar o candomblé, é notável a restrição de seguidores das religiões neopentecostais em Laranjeiras em relação aos membros da comunidade afro-brasileira no município. Outros casos de formas de manifestação de preconceito social também foram indicadas em entrevistas realizadas com os líderes religiosos de Laranjeiras, como o caso indicado por Mãe Argemira, zeladora do terreiro “Ilê Axé Ogum Tamandenã”. Segundo Argemira, houve uma ocasião em que amanheceu, à frente de sua casa, uma cruz de sal grosso, provavelmente colocada por pessoas contrárias à prática religiosa afro-brasileira. (DOS SANTOS, 2016)



Imagem 10: Ilê Axé Ogum Tamandenã, comandado por Mãe Argemira, na localidade do Conjunto, em Laranjeiras/SE.
Foto: Raul Lanari. Data: Janeiro/2016.

Como terceiro e último exemplo de formas de manifestação preconceituosa em relação às atividades religiosas afro-brasileiras em Laranjeiras, apresentamos o caso relatado por Pai Tassiano, sacerdote no terreiro Ilê Axé Iguí Orixá, na localidade do Conjunto. Segundo seu depoimento, desde a fundação de seu terreiro, em 2007, as obrigações eram realizadas no turno da noite, como de costume entre as comunidades de terreiros. Porém, com o ingresso de uma comunidade

religiosa evangélica na localidade, a relação com a vizinhança passou a ficar tensa, com constantes chamados da Polícia Militar com a alegação de perturbação do sossego. Para evitar tal sorte de contratempos, Pai Tassiano passou a realizar suas obrigações mais cedo, iniciando no turno da tarde e finalizando às 22:00. Não obstante, em uma determinada ocasião a Polícia Militar interrompeu as obrigações do terreiro com um mandado judicial determinando a interrupção de suas atividades. Na primeira entrevista realizada com Pai Tassiano, em janeiro, o tom de seu relato era de insegurança devido à indefinição de sua situação. A interrupção das obrigações gerou uma série de problemas para Tassiano, que teve de procurar ajuda com outros sacerdotes amigos para continuar a realizar seus rituais. Já na segunda entrevista, realizada no mês de maio, Tassiano se mostrava aliviado pela decisão judicial de restituir ao terreiro o direito de manifestação religiosa. Segundo ele, finalmente a justiça havia agido para preservar um direito ancestral dele e de sua comunidade. (BONFIM DOS SANTOS, 2016) O peso das comunidades religiosas evangélicas em Laranjeiras e sua forma de atuação nas pequenas comunidades locais foram percebidos pela equipe técnica do projeto quando das visitas à localidade do Conjunto para a realização dos registros audiovisuais. Na ocasião em que se entrevistou Pai Francisco de Oxaguiã, um alto falante fixado no alto de uma construção ocupada por um templo religioso evangélico disseminava mensagens bíblicas, músicas *gospel* e sermões do pastor responsável pela comunidade evangélica local. Este alto falante não existia quando da primeira visita da equipe técnica, o que pode significar uma nova tentativa dos evangélicos de abafarem as práticas religiosas afro-brasileiras na localidade.

Outro fator que apresenta grande importância no contexto do desenvolvimento de políticas voltadas ao objetivo preservar a memória e conceder sustentação social e política à continuidade das práticas religiosas de matriz africana no Brasil, se encontra associado ao debate sobre o processo de patrimonialização dos terreiros umbanda e candomblé no país. Dentre os três terreiros considerados "históricos" dentro do panorama religioso de Laranjeiras, a Irmandade Nagô de Santa Bárbara Virgem e a Associação de Culto Afro-Brasileiro Filhos de Obá passaram por um gradual processo de incorporação à vida cultural da cidade. No caso dos Filhos de Obá, o terreiro foi tombado em nível estadual na década de 1980 e em nível federal na década seguinte, passando a contar com recursos públicos para a reforma de suas instalações e o desenvolvimento de atividades ligadas a projetos sociais. Assim, observou-se a ampliação de sua sede e as melhorias das condições materiais dos envolvidos com as práticas religiosas deste terreiro. Já entre os Nagôs de Laranjeiras, a mudança ocorreu a partir da organização do Encontro Cultural de Laranjeiras, no

final da década de 1970, e se aprofundou com a consolidação do evento, que atrai pesquisadores das manifestações culturais tradicionais de todo o Brasil. O Encontro Cultural de Laranjeiras deu grande visibilidade aos membros da Irmandade de Santa Bárbara Virgem, quando esta ainda era liderada por Umbelina de Araújo. Foi no bojo desse evento cultural e acadêmico que foi apresentada a obra que colocou os nagôs no centro das discussões sobre as religiões afro-brasileiras: o estudo " Vovó Nagô e Papai Branco: Usos e abusos da África no Brasil", de Beatriz Góis Dantas. Publicado no início da década de 1980, esta tese de doutoramento em sociologia atraiu uma grande quantidade de pesquisadores a Laranjeiras, dando início a um processo de reconhecimento das práticas religiosas deste grupo específico dos moradores da cidade. A partir de então, a visibilidade da Irmandade cresceu vertiginosamente, garantindo o acesso a eventos e o respeito da comunidade religiosa de Laranjeiras. A patrimonialização não foi a saída encontrada pelos Nagôs de Laranjeiras devido a uma ordem dos Orixás dessa comunidade que, segundo Bárbara Cristina dos Santos, proibiram expressamente qualquer ação de preservação associada ao poder público, seja ela o tombamento ou o registro.

Sobre o tema específico dos processos de Tombamento do Terreiro Filhos de Obá em Laranjeiras, o sociólogo Lucas Santos Passos, defendeu, no ano de 2015, a dissertação intitulada "Tombamento de Templos Religiosos em Laranjeiras/Sergipe". (PASSOS, 2015) Neste trabalho de pesquisa, o autor objetivou analisar os processos de tombamento de templos religiosos realizados no município de Laranjeiras entre o ano de 1943 e a atualidade em perspectiva comparada, a considerar o desenvolvimento de políticas de preservação dos templos religiosos católicos edificadas no município frente aos processos de tombamento em níveis federal e estadual do terreiro Filhos de Obá, ocorridos em 1985 (tombamento estadual) e 1994 (federal). Dentre uma série de questões discutidas no trabalho, destaca-se a preocupação do autor em refletir sobre a mudança de concepção dos órgãos de preservação do patrimônio cultural brasileiro a partir das décadas de 1970 e 1980 no sentido de promover formas de valorização das referências culturais e religiosas associadas a grupos sociais historicamente excluídos no contexto brasileiro, como poder ser lido no trecho abaixo:

"Para a socióloga e também membro do Conselho Consultivo do IPHAN, Maria Cecília Londres Fonseca, que atuou em diversos cargos do órgão, as mudanças no âmbito do campo do patrimônio cultural brasileiro a partir da década de 1970 fizeram surgir a ideia de "patrimônio cultural não-consagrado". Este novo rótulo objetivava abarcar o conjunto de bens culturais relativos aos grupos sociais que não integravam o universo do patrimônio histórico e artístico nacional, conforme cunhado pelos modernistas entre as

décadas de 1920-1940. Reconhece-se o caráter cultural destes bens, todavia, não se confere o mesmo capital simbólico atribuído ao cânone estabelecido nas décadas anteriores, tampouco se concede a mesma prioridade na destinação de recursos públicos para a sua preservação.

O “patrimônio não-consagrado”, portanto, refere-se às produções dos “excluídos” da história oficial como indígenas, negros, populações rurais, imigrantes, etc. Tal exclusão pelos órgãos oficiais, neste período, teve como justificativa o fato de não haver testemunhos materiais significativos da cultura destes grupos sociais (FONSECA, 1996). Além, disso, os poucos exemplares estariam imersos em uma dinâmica de uso que inviabilizava o tombamento. O cerne da questão estava na incompatibilização desses “patrimônios culturais não-consagrados” (hoje chamados de patrimônio imaterial) com o conceito de tombamento então utilizado pelo IPHAN, visto que “expressam valores de outra ordem que não as concepções cultas de história e de arte” (idem, p. 159-160).” (PASSOS, 2015 p. 60)

Ao analisar estes processos de tombamento realizados em relação ao terreiro Filhos de Obá, Lucas Passos conclui que as demandas voltadas à efetivação dos tombamentos em níveis municipal e federal do bem cultural se mostram como uma expressão do desejo social, representado por grupos organizados objetivados em voltar a atenção à preservação da memória e da história das formas de expressão cultural e religiosa de grupos sociais historicamente excluídos no Brasil.

“Já em relação aos templos afrobrasileiros, concluiu-se que os dois processos abertos em busca de tombamento estadual e federal do Terreiro Filhos de Obá não são produtos de uma ação governamental, como ocorrera anteriormente. Eles são frutos dos movimentos organizados que emergiram dos conflitos sociais por reconhecimento público vividos no Brasil ao longo das décadas de 1970 e 1980. Como os templos afrobrasileiros não se encaixavam no cânone de patrimônio pré-estabelecido, a tônica dos referidos processos foi a comprovação de sua legitimidade. Exigiu-se do bem escolhido a verificação de sua representatividade e de sua singularidade. Neste sentido, para a avaliação final da validade do tombamento, demandou-se a realização de estudos técnicos e levantamentos de fontes históricas. Os processos, portanto, são longos, cheios de documentos e com inúmeras tramitações” (PASSOS, 2015. p. 80)

Diante das questões colocadas ao longo do texto, é possível observar a existência de uma singularidade nas formas de expressão religiosa de matriz afro-brasileira praticadas no município de Laranjeiras. Singularidade esta que pode ser interpretada como dual, a medida em que, se por um lado colaborar ao enriquecimento da tradição religiosa do município de Laranjeiras, por outro, apresenta alguns aspectos que colaboram ao contexto de desintegração entre líderes religiosos e praticantes de das religiões afro-brasileiras no município sergipano. Desta forma, mostra-se como possibilidade estratégica a realização de um trabalho de salvaguarda, voltado a uma valorização baseada na contribuição ao melhoramento das relações e do diálogo entre os terreiros que integram a comunidade religiosa de Laranjeiras.

3. “TERREIROS DE FUNDAMENTO” E “TERREIROS DE TRABALHO” NO CONTEXTO RELIGIOSO AFRO-BRASILEIRA EM LARANJEIRAS

A considerar a variabilidade de temas e possibilidades de reflexão abertas pelo trabalho de pesquisa sobre o tema da religiosidade afro-brasileira na cidade de Laranjeiras/SE, voltaremos a atenção de forma especial no presente texto a um aspecto específico, que chamou a atenção dos pesquisadores no desenvolvimento dos trabalhos que integraram o projeto intitulado “Mapeamento e inventário dos terreiros de religiões afro-brasileiras localizados na cidade de Laranjeiras/SE”.

Trataremos assim da questão ligada às disputas existentes entre os terreiros de religião afro-brasileira sediados no município de Laranjeiras, que oferecem subsídios a uma interpretação acerca das raízes destes conflitos manifestados pelos desentendimentos e trocas de críticas entre pais e mães de santo no contexto religioso do município. Rivalidade esta que, dentre outros aspectos, mostrou-se essencialmente ligada à questões “mercadológicas”, a considerar a existência de um nicho de atendimento espiritual voltado à pessoas externas à comunidade religiosa afro-brasileira. Esta procura por apoio espiritual junto aos líderes religiosos do segmento afro-brasileiro, normalmente, encontra-se associado à busca de auxílio para a resolução de problemas de ordem espiritual e mesmo material, como refletido pelo sociólogo Reginaldo Prandi no artigo “O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso”.

“A umbanda e o candomblé, cada qual a seu modo, são bastante valorizados no mercado de serviços mágicos e sempre foi grande a sua clientela, mas ambos enfrentam hoje a concorrência de incontáveis agências de serviços mágicos e esotéricos de todo tipo e origem, sem falar de outras religiões, que inclusive se apropriam de suas técnicas, sobretudo as oraculares. Concorrem entre si e concorrem com os outros.” (PRANDI, 2004 p. 229)

Deste modo, chamou a atenção o fato de haver, de forma paralela a esta atuação religiosa voltada a atender a demanda de auxílio religioso por meio de pagamentos, um segundo grupo composto por terreiros nos quais os pais e mães de santo por eles responsáveis apresentam como característica marcante de sua atuação religiosa uma relação desassociada desta demanda de serviços religiosos que se baseiam no pagamento como pré-requisito à sua atuação.

A forma como estes líderes religiosos atuam faz com que se aproximem das práticas tradicionais das religiões afro-brasileiras, como indicado pelo sociólogo Reginaldo Prandi. Segundo o autor, tanto o candomblé quanto a umbanda, em sua origem, entre o final do século XIX e início do século XX, não apresentam, em sua gênese, a imbricação entre auxílio religioso e forma de

ganho financeiro dos pais e mães de santo. (PRANDI, 2004 p. 226)

Outra questão notada no panorama religioso afro-brasileiro de Laranjeiras, que ficou especialmente claro por meios dos relatos de muitos dos pais e mães de santo entrevistados no desenvolvimento da pesquisa se encontra contida na grande desunião entre representantes e seguidores das varias linhagens de religião afro-brasileiras encontradas no município. Os relatos dão conta desta fragmentação, que, na opinião dos próprios líderes religiosos e também dos praticantes do candomblé e da umbanda em Laranjeiras, são fatores responsáveis pelo enfraquecimento da comunidade religiosa de matriz africana na localidade.

É interessante observar que, para além do universo compreendido pela realidade das comunidades religiosas afro-brasileira do município de Laranjeiras, esta situação de ausência de integração entre terreiros e lideranças religiosas da umbanda e do candomblé no Brasil, é identificada em um contexto mais amplo, estendido a prática religiosa no país como um todo, como destacado pelo sociólogo Reginaldo Prandi no trecho em destaque a seguir:

“Candomblé e umbanda são religiões de pequenos grupos que se congregam em torno de uma mãe ou pai-de-santo, denominando-se terreiro também cada um desses grupos. Embora se cultivem relações protocolares de parentesco iniciático entre terreiros, cada um deles é autônomo e auto-suficiente, e não há organização institucional eficaz alguma que os unifique ou que permita uma ordenação mínima capaz de estabelecer planos e estratégias comuns na relação da religião afro-brasileira com as outras religiões e o resto da sociedade. As federações de umbanda e candomblé, que supostamente uniriam os terreiros, não funcionam, pois não há autoridade acima do pai ou da mãe-de-santo (Concone e Negrão, 1987). Além disso, os terreiros competem fortemente entre si e os laços de solidariedade entre os diferentes grupos são frágeis e circunstanciais. Não há organização empresarial e não se dispõe de canais eletrônicos de comunicação. Sobretudo, nem o candomblé em suas diferentes denominações nem a umbanda têm quem fale por eles, muito menos quem os defenda. Muito diferente das modernas organizações empresariais das igrejas evangélicas, que usam de técnicas modernas de marketing, que treinam seus pastores-executivos para a expansão e a prosperidade material das igrejas, que contam com canais próprios e alugados de televisão e rádio, e com representação aguerrida nos legislativos municipais, estaduais e federal.” (PRANDI, 2004. p.229-30)

A ausência deste fator integrativo entre praticantes e consequentemente entre os terreiros de candomblé e umbanda no país, colaboram em muito ao enfraquecimento das praticas religiosas no país, reforçada, nos últimos anos, pelo advento das religiões neopentecostais, que, atualmente, representam o maio desafio à continuidade das práticas religiosas de matriz africana no Brasil.

Nos parágrafos acima, objetivamos sintetizar algumas das questões que serão mais bem analisadas no presente texto de forma a conceder uma leitura sobre estes dois agrupamentos e formas de atuação ligadas à religiosidade afro-brasileira no município de Laranjeiras. Na

continuidade do texto, trataremos sobre uma perspectiva possível de análise da prática religiosa afro-brasileira em Laranjeiras, distinguindo os terreiros sediados no município a partir da forma como ocorrem as práticas religiosas nas casas bem como os líderes destes espaços se relacionam com a sociedade.

De forma a melhor organizar o tratamento do tema e a argumentação no presente texto, convencionou-se realizar uma separação entre duas formas de prática religiosa observadas em Laranjeiras como o fio condutor da presente análise. Assim, se faz possível apresentar algumas reflexões sobre as distinções existentes entre os modos de prática das religiões de origem afro-brasileira na tradicional cidade sergipana. Deste modo, passaremos a identificar os terreiros de religião afro-brasileira visitados pelos pesquisadores em dois grupos:

Os terreiros que integram o grupo designado como “Terreiros de Fundamento”, são compreendidos como as casas religiosas nas quais a atuação dos pais e mães apresentam como característica a prática religiosa o modo tradicional da religiosidade afro-brasileira. Ao longo da análise, realizaremos o refinamento desta conceituação.

O segundo grupo de casas religiosas identificadas como “Terreiros de Trabalho”, e constituído por terreiros nos quais a atuação dos líderes religiosos se encontram associadas à concepção da necessidade de pagamento pelo serviço religioso prestado. Para isso, é comum o estabelecimento de um pagamento ao pai ou mãe de santo que realiza o trabalho solicitado. É comum a esta prática a realização de um tratado entre líder religioso e o solicitante do trabalho quanto ao valor a ser cobrado pela realização do “trabalho”, não raro estando a realização do pagamento pelo trabalho espiritual de maneira associada à efetivação do objetivo que levou o solicitante a procurar o pai ou a mãe de santo. Ou seja, o pagamento do “trabalho” só é concretizado quando aquele que procurou o serviço espiritual conclui que o objetivo foi efetivado.

3.1. A prática religiosa nos “Terreiros de fundamento”

No âmbito das visitas e entrevistas realizadas com líderes religiosos responsáveis por “Terreiros de Fundamento”, foi possível notar que as atividades religiosas desenvolvidas nestes espaços se encontram associadas à tradição religiosa do Candomblé e da Umbanda, sendo assim tributárias dos costumes religiosos afro-brasileiros. Nestas casas, o objetivo central da atuação dos pais e mães de santo se encontra voltada à profecia do candomblé e da umbanda como atividade fim da casa. Nestes casos, não é comum a prestação de auxílio religioso baseada em compensação

financeira como pré-requisito à sua operação. Podemos assim interpretar que nestes espaços, a profecia da religião é embasada na crença dos líderes religiosos e dos frequentadores do terreiro nos fundamentos do segmento religioso em questão, não apresentado a necessariamente de as atividades religiosas estarem associadas a uma retribuição pré-fixada.

Podemos assim exemplificar alguns dos “Terreiros de Fundamento” visitados no município de Laranjeiras, citando as casas religiosas associadas à tradicional linhagem Nagô, que atualmente se encontram sob a liderança da “Alôxa”² Bárbara Cristina dos Santos. A linhagem Nagô conta atualmente com um total de cinco terreiros que se encontram associados a esta tradição religiosa fundada em Laranjeiras pelos precursores da religiosidade afro-brasileira no município em meados do final do século XIX. Como indicado por Sharyse Piroupo do Amaral, a tradição Nagô em Laranjeiras foi fundada por “Ti Henrique”, em meados das duas décadas finais do século XIX, tendo sido continuada por “Ti Herculano” após a morte do fundador, ocorrida na última década do século XIX. (AMARAL, 2011 p.3).

Como pôde ser notado no contato estabelecido com Barbara Cristina bem como com os zeladores de cada um dos terreiros filiados à tradição “Nagô” em Laranjeiras, a atuação dos religiosos e praticantes destas casas encontra-se unicamente voltada à profecia da religião, que apresenta como característica marcante o sincretismo com a tradição cristã católica no município de Laranjeiras. É também importante para o nosso objetivo no texto indicar que a prática religiosa desenvolvida nos terreiros “Nagôs” não se encontram alinhadas ao costume de prestação de serviços religiosos mediante pagamento, como encontrado nos moldes dos terreiros que integram os grupos por nos identificado como “Terreiros de Trabalho”.

Outro importante exemplo de “Terreiro de Fundamento” encontrado na cidade de Laranjeiras é a “Associação de Culto Afro-brasileiro Filhos de Obá”. Segundo consta na historiografia sobre a religiosidade afro-brasileira em Laranjeiras, esta casa foi fundado por “Tá Joaquina” no ano de 1906, tendo sido registrada como associação em 1909. No “Filhos de Obá”, nome popular pelo qual é conhecido terreiro, as obrigações religiosas bem como as demais atividades que dizem respeito a pratica religiosa da casa, não apresentam como pré-requisito a

² Ao termo “Alôxa”, atribui-se a condição de liderança religiosa no âmbito da tradição Nagô de Laranjeiras. No entanto, faz-se necessário indicar a ocorrência de variação do termo, que por vezes, como nos trabalhos de Beatriz Gois Dantas (DANTAS, 1982) e Sharyse Piroupo do Amaral (AMARAL, 2011), aparece com a denominação “Alôxa”. No entanto, na tradição oral sobre as religião Nagô, a exemplo da entrevista com Bárbara Cristina dos Santos, (SANTOS, 2016) atual Alôxa do terreiro, a denominação da liderança feminina Nagô aparece como “Lôxa”. Ainda sobre o termo, Beatriz Gois Dantas indica que “Alôxa” trata-se de uma abreviação de *Yalorixá*, que designa o título de mãe de Santo na tradição Nagô de Laranjeiras. (DANTAS, 1982)

demanda de pagamento para a realização de qualquer tipo de auxílio espiritual. (BARROS, 2010)

Ainda em relação às duas tradições acima indicadas, é importante ressaltar a diferença marcante entre as formas de prática religiosa entre as duas mais tradicionais linhagens de Laranjeiras: Os “Nagôs” e os seguidores do terreiro “Filhos de Obá”. Como indicado no texto que trata sobre o processo de formação histórico da religiosidade afro em Laranjeiras, a linhagem “Nagô” apresenta como característica uma relação próxima com a prática religiosa Católica. Já a partir da prática religiosa encontrada no terreiro “Filhos de Obá”, foi possível notar o caráter identitário marcadamente associado à tradição religiosa do Candomblé, de forma bastante próxima à forma de culto tradicional do fundamento religioso. (BARROS, 2010; TORRES, 2012)

Em contato com os responsáveis por estes espaços, foi possível avaliar que a linha religiosa “Nagô”, se encontra presa à tradição afro-brasileira, sem, no entanto, atuar de forma a atender o mercado religioso que se encontra associado às religiões de matriz afro-brasileira. Ou seja, os pais e mães de santo responsáveis pelos “Terreiros de Fundamento” adotam uma postura de reunir seus esforços e práticas religiosas unicamente voltadas a seus terreiros, obrigações religiosas, filhos e filhas de santo da casa.

O mesmo panorama pode ser encontrado na prática religiosa exercida no terreiro “Filhos de Obá”. Desta forma, tanto a prática religiosa associada ao auxílio aos filhos de santo da casa bem como o auxílio religioso voltado ao atendimento de agentes externos à tradição dos terreiros, não se encontram pautados em obtenção de lucro por meio de pagamentos em dinheiro ou mesmo por meio de doação de bens valiosos.

O mote da prática religiosa nestes espaços encontra-se voltado a prática religiosa essencialmente associada aos trabalhos internos da casa, que contemplam às necessidades do terreiro na relação com as entidades religiosas bem como a orientação religiosa dos filhos de santo dos terreiros. Ainda sobre a relação entre os pais e mães de santo responsáveis pelos “Terreiros de fundamento” ante a necessidades externas à demanda religiosa dos filhos de santo da casa, é interessante observar que, quando procurados por indivíduos não seguidores das religiões afro-brasileiras, não ocorre de início o tratamento quanto ao possível valor cobrado pelo trabalho espiritual a ser realizado.

Para melhor delinear este grupo de terreiros ligados à tradição candomblecista e umbandista brasileira, é necessário indicar ainda que não obrigatoriamente as casas associadas aos “Terreiros de Fundamento” se encontram resumidas às matrizes religiosas afro-brasileiras fundadas em Laranjeiras entre o final do século XIX e início do século XX. Para além dos exemplos

acima indicados, podemos ainda destacar outros terreiros que não necessariamente pertencem à tradição “Nagô” em Laranjeiras ou mesmo à “Associação de Culto Afro-brasileiro Filhos de Obá”, fundados há cerca de cem anos.

As entrevistas realizadas nos terreiros “Ilê Axé Iguí Orixá”, liderado por pai Tassiano de Xangô, e o terreiro Ilê Axé Oxaguiã, zelado por Pai Francisco de Oxaguiã, localizadas no Bairro Conjunto³, denotaram o desenvolvimento de práticas religiosas que em muito as aproximam ao que convencionamos identificar como “Terreiros de Fundamento”. (BONFIM DOS SANTOS, 2016; OLIVEIRA, 2016)

Esta aproximação em relação à prática religiosa empreendida nos dois terreiros acima indicados chamaram a atenção de forma especial por dois motivos. Em relação ao contato realizado com Pai Tassiano de Xangô, na primeira sessão de visitas dos pesquisadores aos terreiros de Laranjeiras, foi possível identificar uma forte relação entre a forma da prática religiosa no terreiro como a forma de expressão religiosa e de práticas tradicionais da matriz do candomblé brasileiro do início do século XX.

O conhecimento de pai Tassiano em relação ao idioma lorubá, o domínio do religioso quanto à história do candomblé no Brasil e o domínio da história e da mitologia lorubá, denotam um preparo destacado do pai de santo quanto ao exercício de sua função religiosa, como pode ser lido no pequeno trecho da entrevista realizada com Pai Tassiano transcrito a seguir, no qual o religioso indica o momento em que concebeu a necessidade de aprender o idioma lorubá, que segundo ele, se justificou para o melhor entendimento das mensagens passadas ele pelos orixás:

“Então esse é os termos que eu sempre aprendi. lorubá eu aprendi mais com meu santo, uma vez que meu santo veio, Irôko, aí começou a desenvolver em lorubá, daqui até lá ele subiu xingando tudinho, mas ninguém sabia e eu tava dizendo “-A bença meu pai, a bença meu pai”, e eu não sabia o que era aquilo aí meu erê, minha criança interferiu e disse a todo mundo “-O gente, Irôko, na hora que você estava dizendo “A bença meu pai”, ele estava lhe xingando porque você fez isso, fez isso, fez isso e fez isso... Aí eu disse “-Pô, e eu ainda deu a bença a ele”, e ele disse: “-Aprenda o lorubá!” Então são essas grandes coisinhas...” (BONFIM DOS SANTOS, 2016.)

Neste sentido, é interessante observar a atenção dada pelo sociólogo Reginaldo Prandi ao processo chamado por ele denominado de “africanização” da prática religiosa do candomblé no

³ O Bairro de Conjunto foi uma das nove localidades nas quais o município de Laranjeiras foi dividido, tendo como base a metodologia da pesquisa desenvolvida.

Brasil, como é possível ler no trecho em destaque a seguir:

“Parcela importante da legitimidade social que a cultura negra do candomblé desfruta hoje foi gestada a partir de uma nova estética formulada pela classe média intelectualizada do Rio de Janeiro e de São Paulo nas décadas de 1960 e 1970, que adotou e valorizou mais do que nunca aspectos negros da cultura baiana, seus artistas e intelectuais. Começava o que chamei de processo de africanização do candomblé (Prandi, 1991), em que o retorno deliberado à tradição significa o reaprendizado da língua, dos ritos e mitos que foram deturpados e perdidos na adversidade da Diáspora; voltar à África não para ser africano, nem para ser negro, mas para recuperar um patrimônio cuja presença no Brasil é agora motivo de orgulho, sabedoria e reconhecimento público, e assim ser o detentor de uma cultura que já é, ao mesmo tempo, negra e brasileira, porque o Brasil já se reconhece no orixá, o Brasil com axé.” (PRANDI, 2004. p. 224)

A forma como Pai Tassiano se relaciona com a prática religiosa, essencialmente no que toca à forma como o religioso lida com a prestação de auxílio espiritual a quem o procura em seu terreiro se encontra marcada pela não necessidade estrita de retribuição quanto ao trabalho espiritual por ele prestado. Desta forma, Pai Tassiano afirma que, nestes casos, aquele que procura a sua ajuda espiritual, ao fim do auxílio por ele prestado, se encontra livre para realizar ou não alguma contribuição financeira ou qualquer outro tipo de ajuda. Ainda segundo Tassiano, nos casos em que há retribuição por parte de pessoas que procuram a sua orientação espiritual, a doação é totalmente revertida à manutenção do terreiro “Ilê Axé Iguí Orixá”. (BONFIM DOS SANTOS, 2016.)

Como um segundo exemplo de terreiros nos quais puderam ser notados aspectos caros aos “Terreiros de Fundamento” e que não se encontra associado às duas linhagens mais antigas dos candomblés de Laranjeiras, pode ser indicado o terreiro “Ilê Axé Oxaguiã”, liderado atualmente por Pai Francisco de Oxaguiã. A exemplo de Pai Tassiano, Pai Francisco não crê que a prática religiosa afro-brasileira esteja associada a qualquer tipo de prestação de serviço remunerado no auxílio espiritual ou orientação religiosa. Em sua entrevista, o pai de santo ainda chamou a atenção ao aspecto conflitivo existente entre as casas e lideranças religiosas em Laranjeiras, destacando a competição existente entre pais e mães de santo e na comunidade religiosa como um todo. (OLIVEIRA, 2016)

Um fator que associa as lideranças religiosas dos quatro terreiros indicados acima é a interpretação de que a atividade por eles empreendida é, na verdade, fruto de uma missão, um designo religioso, que em geral, se manifestou nas vidas destes agentes ainda quando eram criança. Essa manifestação religiosa e a aceitação do desafio de se dedicar à religião foi relatada por Barbara Cristina, Pai Tassiano de Xangô e por Pai Francisco de Oxaguiã. (OLIVEIRA, 2016 ; BONFIM DOS SANTOS, 2016; CRISTINA DOS SANTOS, 2016)

Como os dois últimos exemplos de terreiros que integram o grupo “Terreiros de Fundamento”, podemos indicar o “Centro Umbandista Pai Aculano” e o “Terreiro de São Lázaro”, ambos localizados no povoado de Mussuca, que dista cerca de cinco quilômetros da sede municipal de Laranjeiras. Nas duas oportunidades em que foram realizadas entrevistas com os responsáveis pelas duas casas, foi possível aproximar da concepção eminentemente religiosa das práticas realizadas nestes espaços. Em relação a estes dois terreiros, foi ainda interessante notar que, atualmente e de forma coincidente, os dois terreiros passam por um processo de transição de liderança religiosa em função dos recentes falecimentos dos antigos responsáveis pelas casas. Outra similaridade encontrada na pesquisa sobre a história das duas casas foi a relação familiar existente entre os filhos de santo e também das duas mães de santo com os antigos líderes religiosos responsáveis pelos terreiros.

3.2. A prática religiosa nos “Terreiros de Trabalho”

Ao segundo grupo de terreiros, que, em certo sentido, se opõem à prática religiosa identificada no grupo anterior, convencionamos identificar como “Terreiros de Trabalho” os espaços religiosos nos quais a prática religiosa se encontra mais próximas à prestação de serviços religiosos mediante pagamentos ou mesmo bonificações diante dos serviços prestados pelas mães e pais de santo responsáveis pela atividade religiosa da casa.

Neste sentido, a pesquisa se deparou com duas formas a partir das quais os líderes religiosos lidam com a questão financeira em troca do auxílio espiritual prestado. A primeira destas duas formas de posicionamento quanto à relação entre serviço religioso prestado e pagamento, se caracterizou pela abertura dos líderes religiosos quanto a importância econômica da atividade religiosa como mantenedora da vida material dos pais e mães de santo. Em outras casas, foi possível observar que, apesar de o terreiro oferecer um serviço objetivado em atender demandas sob a forma de pagamento, há, por parte o pai ou mãe de santo responsável pela casa, um relativo receio de assumir publicamente esta postura. Para a formulação de uma hipótese acerca desta observação, seria necessário um estudo mais aprofundado da questão. A priori, mesmo sem um estudo mais específico da questão, é possível inferir que esta postura se justifica pelo receio do líder religioso acerca da interpretação quanto a esta postura que associa a casa ao mercado de prestação de serviços que caracteriza o grupo de “Terreiros de Trabalho”.

No entanto, é interessante observar que, para além desta atividade voltada

essencialmente ao atendimento do mercado religioso existente em Laranjeiras, estes terreiros também contam com atividades regulares próprias do candomblé, como a presença regular de filhos de santo na casa bem como a realização de celebrações e festividades em honra a entidades e exus. Como previamente realizado em relação ao grupo de terreiros entendidos como “Terreiros de Fundamento”. Para melhor analisar a atuação religiosa dos pais e mães de santo responsáveis pelos “Terreiros de Trabalho”, serão apresentados a seguir alguns exemplos das formas de atuação religiosa encontradas neste segmento de terreiros.

Ainda de forma a melhor caracterizar estas práticas religiosas que dão forma aos “Terreiros de Trabalho”, vale citar novamente o sociólogo Reginaldo Prandi, referência brasileira nos estudos sobre a história e o processo de formação das religiões de matriz afro-brasileiras. A respeito desta relação entre as religiões de matriz africana e o mercado religioso existente no Brasil, Prandi indica o processo de formação deste contexto.

“No curso da década de 1960, entretanto, o velho candomblé surgiu como forte competidor da umbanda. Com sua lógica própria e sua capacidade de fornecer ao devoto uma rica e instigante interpretação do mundo, o candomblé foi se espalhando da Bahia para todo o Brasil, seguindo a trilha já aberta pela vertente umbandista. Foi se transformando e se adaptando a novas condições sociais e culturais. Religião que agora é de todos, o candomblé enfatiza a idéia de que a competição na sociedade é bem mais aguda do que se podia pensar, que é preciso chegar a níveis de conhecimento mágico e religioso muito mais densos e cifrados para melhor competir em cada instante da vida, que o poder religioso tem amplas possibilidades de se fazer aumentar. Ensina que não há nada a esconder ou reprimir em termos de sentimentos e modos de agir, com relação a si mesmo e com relação aos demais, pois neste mundo podemos ser o que somos, o que gostaríamos de ser e o que os outros gostariam que fôssemos – a um só tempo (Prandi, 1991 e 1996). Como agência de serviços mágicos, que também é, oferece ao não-devoto a possibilidade de encontrar solução para problema não resolvido por outros meios, sem maiores envolvimento com a religião. Sua magia passou a atender a uma larga clientela, o jogo de búzios e os ebós do candomblé rapidamente se popularizaram, concorrendo com a consulta a caboclos e pretos-velhos da umbanda.” (PRANDI, 2004. p. 223 – 24)

Como o primeiro exemplo de “Terreiros de trabalho” encontrados no município de Laranjeiras, destaca-se a atuação de Maria Leide dos Santos Lira, mãe de santo responsável pelo “Centro Umbandista Ogum Guerreiro”, localizado no povoado de Pedra Branca. Em relação a este terreiro, foi interessante observar que a prática religiosa estabelecida na casa se encontra direcionada a atender toda e qualquer demanda apresentada pelas pessoas que procuram a mãe de santo, independente dos motivos que levaram o indivíduo ao “Centro Umbandista Ogum Guerreiro”. Mãe Neide - como é conhecida - foi enfática ao afirmar que não existem limites para a sua atuação religiosa, como é possível no trecho transcrito a seguir:

“No candomblé é assim, eu sou umbandista, eu trabalho 100% pela esquerda. Mas eu trabalho dessa forma. Você bate aqui nessa porta, aqui nessa porta eu atendo vagabundo, nessa porta eu atendo traficante, nessa porta eu atendo puta, ladrão, estuprador, eu não

quero saber quem você é, você tá entendendo? Porque é a seita que não permite eu perguntar quem você é. Agora, a hora que eu botar o olho em você eu tô vendo que você não vale nada. Já teve gente aqui, você vai encontrar com essa pessoa, nessa pesquisa que você tá fazendo você vai encontrar essa pessoa. Essa pessoa chegou aqui, sentou nesse local e disse assim "Neide, eu preciso de uma ajuda". Eu disse "eu vou dar ao seu Leba, que você não merece um copo d'água, e eu dei. Então, veja bem, no candomblé se vocês olharem bem, não é só vocês entrarem três dias dentro de um quarto e você se considerar um zelador. Não pode!" (LIRA, 2016. 23'15"- 24'24")

Chamou a atenção também o fato de a Maria Leide indicar que, preferencialmente, trabalha “pelas linhas de esquerda”, ou seja, os trabalhos e atividades religiosas realizadas no “Centro Senhor Ogum de Ronda” se caracterizam por, preferencialmente, invocarem os “exus”. Vale destacar aqui que estas entidades são compreendidas dentro da tradição candomblecista como espíritos em estágio de evolução espiritual. Este aspecto diferencia o terreiro de Mãe Neide da maioria dos terreiros visitados ao longo da pesquisa. Isto se dá em função do fato de que, na maioria das casas religiosas, as entidades acionadas são preferencialmente os “Orixás”, compreendidos como espíritos divinos, que por sua vez, apresentam maior evolução espiritual. (PRANDI, 2004. p.229)

O exemplo mais profícuo no tocante à disputa por espaço no contexto do mercado religioso afro-brasileiro no município de Laranjeiras foi a situação encontrada no povoado de Mussuca, onde existem, além dos já citados “Centro Umbandista Pai Aculano” e o “Terreiro de São Brás”, mais duas casas. São elas o “Terreiro de Mãe Ailma de Iemanjá”, liderado por Aílma dos Santos, e o “Centro Umbandista São Brás”, liderado por Marcelo Alves dos Santos. As entrevistas realizadas com Mãe Ailma e com Pai Marcelino indicaram haver uma grande competição entre os dois terreiros, que estão localizados na principal rua do povoado e se encontram sediados à pequena distância de cerca de 1000 metros um do outro. Por questões éticas, inerentes sobretudo ao caráter público dos resultados da pesquisa, não convém destacar as afirmações que tratam sobre a relação de conflito entre o pai e a mãe de santo acima indicados.

Sobre o contexto de desunião existente entre os líderes religiosos de Laranjeiras, vale ressaltar o trecho transcrito da entrevista realizada com Pai Francisco de Oxaguian, na qual, perguntado sobre as relações entre terreiros de matriz afro-brasileira, o pai de santo foi enfático ao afirmar a ausência de solidariedade no seio da comunidade candomblecista:

“Rapaz, não há não... É o povo mais desunido que existe das religiões. Mais desunido é o candomblé. Povo egoísta, um povo sem princípios, cada um pra si, cada um arrasta asa... A gente lá fora vê que é uma bagaçada... É uma desunião... Se chamar um colega pra ajudar em uma cerimônia, tá lascado... Porque só vai escandalizar... Não tem união não. Assim, nos festejos, eles vêm... Algum aqui. Pouco. O povo do candomblé não são unido comigo não. Não... Mas de vez em quando vem assim algum terreiro, sabe? Só na hora da festa.

Agora, coligação, pra trabalhar junto, não existe não. É cada um pra si, cada um arrastando a asa, cada um quer ser melhor do que o outro. Se cair na besteira de chamar um pra ajudar, ele escandaliza, sai dizendo: “-Olha, eu fui ajudar fulano porque ele não sabe de nada, eu que sei... União não tem não...” (OLIVEIRA, 2016. 8’32” – 10’22”)

Como pode ser notado, a concepção de que há ausência de relações solidárias e grande competição entre as lideranças e membros da comunidade religiosa afro-brasileira em Laranjeiras trata-se de uma perspectiva presente no relato de muitos dos líderes religiosos entrevistados nas visitas ao terreiros.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fechamento da presente análise, é necessário atentar para o fato de que não se objetiva, por meio da presente análise, direcionar qualquer propensão à formulação de possíveis juízos quanto às distintas maneiras de atuação dos líderes religiosos e terreiros indicados no texto. A separação dos terreiros de religião afro-brasileira sediados no município de Laranjeiras entre os dois grupos acima indicados, apenas se mostrou com um método de análise possível frente às diferenças substanciais encontradas no contexto religioso afro-brasileiro do município. A singularidade de cada um dos 26 terreiros identificados e visitados no município de Laranjeiras se mostra em muito relacionada à realidade do meio religioso afro-brasileiro no país. Realidade esta que, como indicado por Reginaldo Prandi, (PRANDI, 2004) pode ser entendida como influenciada pela própria ausência de instituições ou modelos de organização que envolvam os terreiros e a comunidade religiosa de matriz africana no Brasil. Esta ausência de meios de organização e organização da comunidade umbandista e candomblecista no Brasil se encontra relacionada ao passado de exclusão social das práticas religiosas afro-brasileiras ao longo dos séculos XIX e XX e que se encontram em continuidade no atual contexto de intolerância religiosa que se encontra em curso no país.

Ao longo do relatório que chega aqui ao seu final, procuramos cumprir com as disposições contidas no Plano Básico do projeto "Mapeamento e Inventário dos Terreiros de Religiões Afro-brasileiras localizados na cidade de Laranjeiras/SE", estabelecido pelo IPHAN e ajustado a partir das tratativas estabelecidas entre este órgão e a equipe técnica da Temporis Consultoria Ltda. Nesse sentido, foram abordados aspectos referentes ao panorama dos terreiros de Laranjeiras, especialmente a relação que eles mantêm entre si e com a comunidade local. Assim, nosso trabalho foi estruturado a partir da realização de duas etapas de campo, a primeira em janeiro e a segunda em abril. Nestas atividades, a equipe técnica da Temporis seguiu os referenciais teóricos e metodológicos caros à prática etnográfica e aos estudos culturais existentes nas áreas da antropologia, sociologia e história. A partir dos dados levantados junto aos integrantes dos terreiros de Laranjeiras, foram apresentadas análises que deverão servir para o aprofundamento das pesquisas futuramente, seja no desenrolar da aplicação dos instrumentos de pesquisa do INRC e do SICG, seja no aprofundamento das atividades de campo pelo corpo técnico do IPHAN.

Acreditamos que, nos seis meses em que o trabalho de pesquisa e análise se desenrolou, foi possível reunir um importante corpo de informações sobre as religiões afro-brasileiras em Laranjeiras/SE, aprofundando as análises já consagradas de Beatriz Góis Dantas e Sharyse Piroupo do Amaral. Ao identificarmos quase três dezenas de terreiros, muitos deles recentes (e, por isso, diferentes dos da tradição Nagô), foi possível identificar nuances da relação entre os integrantes das comunidades de terreiros e a persistência de um forte preconceito religioso, vindo agora dos evangélicos. Acreditamos que uma das principais demandas dos entrevistados seja a afirmação da herança religiosa africana frente o aumento da intolerância e da truculência daqueles que não aceitam conviver com a diferença, sejam eles religiosos, integrantes dos poderes públicos ou das forças policiais.

Assim, finalizamos nossas atividades esperando ter contribuído para o estudo aprofundado de uma importante cidade dentro do panorama das religiões afro-brasileiras e, também, para a valorização da herança cultural e religiosa que tais práticas legaram e ainda legam ao Brasil.

5. LISTAGEM DOS TERREIROS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS DE LARANJEIRAS/SE

Nº	Nome	Auto-Denominação	Localização	Responsável	Telefone
1	Terreiro de Dona Ailma de Iemanjá	Umbanda	Povoado Mussuca	D. Ailma dos Santos	(79) 3281-4408
2	Sociedade de Culto Afro-Brasileiro Filhos de Obá	Candomblé	Sede (Rua da Vitória, s/n.)	Gilvan Rocha dos Santos	(79) 99604-5727 (Edilma)
3	Terreiro (Sem Entrevista)	Candomblé	Quintalé	Marlene Leite dos Santos Sena	(79) 99847-0576
4	Casa do Patrão (José Maria) (Sem Entrevista)	Nagô	Quintalé	Bárbara Cristina Santos	(79) 98124-1237 / e-mail: barbara.cristina.santos@hotmail.com
5	Irmandade Nagô Santa Bárbara Virgem (Casa Umbelina Araújo)	Nagô	Sede	Bárbara Cristina Santos	(79) 98124-1237 / e-mail: barbara.cristina.santos@hotmail.com
6	Casa Aracá Unjú	Ketu	Comandaroba (Rua C, n. 39)	Vilma Costa dos Santos (Dinha)	(79) 98125-5908
7	Ilê Axé Igui Orixá	Ketu	Conjunto	Tassiano	(79) 99864-0339
8	Casa de Ti Herculano	Nagô	Comandaroba	Bárbara Cristina Santos	(79) 98124-1237 / e-mail: barbara.cristina.santos@hotmail.com
9	Casa de Iansã	Nagô		Bárbara Cristina Santos	(79) 98124-1237 / e-mail: barbara.cristina.santos@hotmail.com
10	Terreiro de Umbanda Ogum Guerreiro	Umbanda	Pedra Branca (próximo à Avenida Pinheiro)	Neide	
11	Abassá de Santa Bárbara	Candomblé (Ketu)	Rua da Palha	Josefina	
12	Abassá de Santa Bárbara	Candomblé (Angola)	Machado	Maria Edivana Santos (Vanda)	
13	Terreiro de Valmira	Candomblé	Bom Jesus	Valmira	
14	Casa de Santa Bárbara	Candomblé	Bom Jesus	José Alberto	
15	Casa de Tersila	Nagô	Quintalé de Baixo	Bárbara Cristina Santos	(79) 98124-1237 / e-mail: barbara.cristina.santos@hotmail.com
16	Abassá Oiá Matan Belenji	Candomblé (Ketu)	Bom Jesus	José Raimundo	(79) 98118-9884/99672-4123
17	Terreiro São Luiz Rei de França	Candomblé	Bom Jesus	José Romildo Bispo dos Santos (residente	(79) 98130-7246/99840-9119 (Romildo)

				em Bom Jesus) e Benedito Josafá Lobão (residente em outro município)	
18	Casa de Dani (Em fase de implantação)		Bom Jesus		
19	Casa de Marcelino	Candomblê/Umbanda/Quimbanda	Mussuca	Marcelino	
20	Centro Umbandista Pai Aculano (Ednéia)	Umbanda/Nagô	Mussuca	Ednéia Cupertino/ Edselma Cupertino	(79) 98115-9532 (edneia) (79) 98122-0260 (Edselma)
21	Casa de D. Lourdes (interrompida)		Mussuca		
22	Terreiro de São Lázaro	Nagô	Mussuca	Rosa	
23	Ilê Axé Ogum Tamandenã	Candomblê (Angola)	Conjunto (Rua da Vasilha)	Argemira	(79) 98116-9137 – Diego (Neto de Dona Argemira)
24	Abassá de Oxumaré	Candomblê	Rua da Palha	Dona Nivalda dos Santos Siqueira	(79) 3281-1205 (res)/ (79) 98111-1047
25	Casa de Valdinete/Finado Jorge (Não se encontrava no momento da visita, mas é muito significativo, pois Pai Jorge formou diversos pais e mães de santo em Laranjeiras e região)		Pedra Branca	Valdinete	Não se encontrava no momento da visita
26	Centro de Cultos Afro Enton Benci	Candomblê	Pastora	José Humberto de Jesus Oliveira (Pai Humberto de Oxóssi)	(79) 3281-3390
27	Terreiro de São José	Nagô	Rua do Boquim, 308, centro.	Tonhô	(Sem Contato, trabalha com móveis na região do Quintalé)
28	Ilê Axé Oxaguiá	Ketu	Conjunto	Pai Francisco de Oxaguiá	(79) 99917-8742
29	Ilê Axé Oiá Matamba	Angola	Pastora	Hilma/Felipe	(79) 98144-9758 /99876-7450 (Felipe)
30	Ilê Axé Ogum Talendê	Ketu e Angola	Machado	Dona Miralda	(79) 999133815

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Sharyse Piroupo do. Escravidão, Liberdade e Resistência em Sergipe: Cotinguiba, 1860-1888. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.
- _____. Religiosidades africanas e comunidades negras em Laranjeiras (Sergipe, 1860-1910). In: XXVI Simpósio Nacional da ANPUH, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH. São Paulo: Ed. ANPUH, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300736578_ARQUIVO_Anpuh-2011_Sharyse.pdf Acesso em: 08/03/2016.
- AZEVEDO, Paulo Ormino de. (Coord.). Volume 1. – A região e sua ocupação. In: GRAU/UFBA. Plano Urbanístico de Laranjeiras. Salvador: Grupo de restauração e renovação arquitetônica e urbanística – UFBA/SUDOPE-SE, 1975.
- BARROS, Edmilson Celestino de. Raízes do candomblé e as relações de poder e parentesco no centro de culto afro brasileiro Filhos de Obá – Laranjeiras/SE. Monografia apresentada como requisito à conclusão do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2010. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/sanlena/celestino-monografia>. Acesso em 27 de Junho de 2016.
- DANTAS, Beatriz Góis. Vovó Nagô e Papai Branco: Usos e abusos da África no Brasil. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1982. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000047169> Acesso em 27 de Junho de 2016.
-
- LEÃO, Lícia Cotrim Carneiro. O espaço livre público e a visão cotidiana da paisagem: o caso do centro histórico de Laranjeiras – SE. 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- LIMA, Angélica Silva de. O mapeamento de referências culturais como instrumento de conhecimento e gestão do patrimônio cultural brasileiro. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Rio de Janeiro 2013. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>

/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao_Angelica_Silva_de_Lima.pdf. Acesso em: 27/02/2016.

- LIMA, Nísia Trindade. Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ/UCAM, 1999
- PASSOS, Lucas Santos. Tombamento de Templos Religiosos em Laranjeiras/Sergipe. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2015. Disponível em: <https://bdtd.ufs.br/handle/tede/472> Acesso em 27 de Junho de 2016.
- PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. Estud. av., São Paulo, v. 18, n. 52, p. 223-238, Dec. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em 27 de Junho de 2016.
- x'
- SANTOS, Cristiane Alcântara de Jesus; FRANÇA, Vera Lúcia Alves. Produção e Reprodução do Espaço do Município de Laranjeiras - Sergipe. (UFS), NESA/ufs, v. 4, p. 19-39, 2001. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal9/Geografiasocioeconomica/Geografiaespacial/06.pdf> Acesso em 15/02/2016.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. Religiões Africanas: construção e legitimação de um campo do saber (1900-1960). REVISTA USP, São Paulo, n. 55, setembro-novembro/2002, p. 82-111.
- SOUZA, Ricardo Luiz de. Identidade Nacional e Modernidade Brasileira: O diálogo entre Silvio Romeiro, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre. Belo Horizonte: Autêntica, 2007
- TORRES, Díjina Andrade. Da África para Laranjeiras: tradição e pureza no terreiro Nagô. 2015. (Apresentação de Trabalho/Congresso). Disponível em: http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020139_15_06_2015_17-38-45_6713.PDF Acesso em: 08/03/2016.
- _____. Mulher Nagô: Liderança feminina e suas relações de Poder e Parentesco no terreiro Santa Bárbara Virgem, em Laranjeiras. In: II Seminário de estudos culturais, identidades e relações interétnicas, 2011, São Cristóvão. II Seminário de estudos culturais, identidades e relações interétnicas, 2011. Disponível em:

http://www.gerts.com.br/seciri/anais_II_SECIRI/gt_04/gt04_02.pdf Acesso em: 08/03/2016.

Entrevistas:

- LIRA, Maria Leide dos Santos. Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Janeiro de 2016. Laranjeiras, 2016.
- OLIVEIRA, José Francisco de. Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Maio de 2016. Laranjeiras, 2016.
- CRISTINA DOS SANTOS, Bárbara. (a) Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Janeiro de 2016. Laranjeiras, 2016.
- BONFIM DOS SANTOS, Tassiano. Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Maio de 2016. Laranjeiras, 2016.
- BISPO DOS SANTOS, José Romildo. Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Maio de 2016. Laranjeiras, 2016.
- BONFIM DOS SANTOS, Tassiano. Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Maio de 2016. Laranjeiras, 2016.
- CRISTINA DOS SANTOS, Bárbara. Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Janeiro de 2016. Laranjeiras, 2016.
- DOS SANTOS, Argemira. Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Janeiro de 2016. Laranjeiras, 2016.
- EDVANA SANTOS, Maria. Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Maio de 2016. Laranjeiras, 2016.
- JESUS DE OLIVEIRA, José Humberto. Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Maio de 2016. Laranjeiras, 2016.
- LIRA, Maria Leide dos Santos. Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Janeiro de 2016. Laranjeiras, 2016.
- OLIVEIRA, José Francisco de. Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Maio de 2016. Laranjeiras, 2016.
- ROCHA DOS SANTOS, Ginalva. Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Janeiro de 2016. Laranjeiras, 2016.
- SANTOS, Hilma. Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Janeiro de 2016. Laranjeiras, 2016.

- SENA, Marlene Leite dos Santos. Entrevista concedida a Hugo Mateus Gonçalves Rocha e Raul Amaro de Oliveira Lanari em Janeiro de 2016. Laranjeiras, 2016.

7. EQUIPE TÉCNICA

PROFISSIONAL / FORMAÇÃO COMPLETA	FUNÇÃO
Ana Carolina Pereira Vaz Arquiteto e Urbanista pelo Centro Universitário Izabela Hendrix, Especialista em Cultura e Arte Barroca pela UFOP.	Coordenadora-geral: Coordenação geral do projeto, articulação institucional, planejamento e definição da logística de campo, revisão final de cada produto e encaminhamento ao IPHAN.
Raul Amaro de Oliveira Lanari Historiadora pela UFMG(2008); Mestre em História e Culturas Políticas pela UFMG(2010);, doutorando em História e Culturas Políticas pela UFMG; Professor do Depto. de História do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH).	Coordenador e orientador: Responsável pela orientação metodológica e conceitual do trabalho de pesquisa; revisão final de cada produto; orientações específicas para a realização e análises das entrevistas; e redação dos relatórios parciais e do texto monográfico final.
Hugo Mateus Gonçalves Rocha Historiador pela UFMG, mestrando em História pela UFMG.	Pesquisador: Responsável pelos levantamentos de campo, leitura, análise e síntese de fontes documentais e bibliográficas, transcrição de entrevistas, e preenchimento de quadros sinóticos.